

**“Não sou velho, só tenho mais idade”:
reflexões sobre envelhecimento, homoerotismo e masculinidades entre
homens de meia idade no Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia¹**

Alexandre Gaspari – UERJ/RJ

Palavras-chave: Envelhecimento. Homossexualidade. Masculinidades.

APRESENTAÇÃO

Este artigo apresenta algumas inquietações, perspectivas teóricas, dados de campo e análises de minha pesquisa de doutorado, iniciada em março de 2018 e cuja tese foi defendida em setembro de 2023, cujos sujeitos são homens com condutas homossexuais, moradores da cidade do Rio de Janeiro e municípios de seu entorno – a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) – e de cidades da região conhecida como Extremo Sul da Bahia (ESB). Os participantes se enquadram no que é comumente chamado de “meia idade” – faixa etária que, embora elástica e imprecisa, estaria localizada entre os 40 e os 60 anos.

Tendo como embasamento a noção de interseccionalidade, este estudo inicialmente é motivado por questões relativas a geração/idade, mas engloba outros marcadores sociais da diferença/categorias sociais de diferenciação: gênero, sexualidade, corporeidade, classe social, raça/cor da pele, local de moradia/de origem.

Um “passeio” por categorias sociais e suas articulações

Envelhecer é uma grande aflição da sociedade ocidental. “Lidar com as limitações biológicas da existência e aceitar o corpo em degeneração continuam sendo desafios centrais na experiência contemporânea” (SIMÕES, 2004, p. 417). A ideia da velhice, aponta Simões (2004), tem menos relação com a proximidade da morte, da finitude da existência, e mais com a decadência física. Um dos temores é a dependência de outros/outras para a manutenção da vida e de atividades cotidianas.

Mas, o que é “ser velho”? Debert (1997) lista três etapas da mudança do paradigma da “maturidade”.

A pré-modernidade, em que a idade cronológica, menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (DEBERT, 1997, p. 121).

A “nova velhice” pós-moderna é fruto também de elaborações sociais e, sobretudo, mercadológicas. Se, de um lado, a medicina continua sua busca por tudo o que pode nos levar à “eterna juventude”, por outro, uma indústria de produtos, serviços e, porque não, prazeres, foi criada para nos oferecer – e vender – esses “elixires” contra os efeitos da passagem do tempo. Tudo muito bem embrulhado pela publicidade e a mídia.

A idade não é mais um indicador de normas de comportamento e de estilo de vida – os novos mercados de consumo se abrem a todas as idades e a publicidade estimula o rejuvenescimento; o modelo dominante na sociedade ocidental moderna é aquele da juventude e da beleza. A imagem de uma velhice monótona, solitária, estereotipada perde, aos poucos, sua força e se desfaz (PEIXOTO, 2000, p. 195).

Estamos falando do envelhecer, ou melhor, da perspectiva de se postergar o envelhecimento, ao menos corporalmente, de um modo geral². Mas, se começarmos a complexificar nossas inquietações, é preciso considerar outros marcadores sociais da diferença que poderiam afetar a “descronologização” do curso da vida, modificando-o conforme articulações e agenciamentos por parte dos sujeitos nessas intersecções.

Considerando sexualidade e geração, pesquisas focadas no envelhecimento de homens homossexuais a partir dos anos 1970 apontavam que envelhecer seria mais “cruel” para estes. Simões (2004) cita John Gagnon e William Simon como pioneiros no tema. Ambos acreditavam que gays “contavam com menos recursos do que os seus correspondentes heterossexuais para enfrentar a crise do envelhecimento” (SIMÕES, 2004, p. 418).

Entretanto, pesquisas feitas no Brasil com homens homossexuais de camadas médias, como as de Simões (2011), com homens em torno de 60 anos; Mota (2014), com sujeitos com mais de 60 anos; e Henning (2014), com homens entre 50 e 70 anos, majoritariamente, ressignificam essa “premissa do sofrimento”. Não somente pela evolução da medicina e da biotecnologia, mas por mudanças na “subcultura gay³”, com

² Vale ressaltar que, como Debert e Brigeiro (2012) apontam, a gerontologia e a sexologia costumam propor soluções para proporcionar o bem-estar na velhice, sobretudo aquelas que envolvem relações sexuais, que são notadamente voltadas a homens e mulheres heterossexuais, como se fosse algo dado. Ainda são poucos os estudos focados em especificidades do envelhecimento de homens e mulheres homossexuais, bissexuais e transgêneros, como mostram Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019).

³ Utilizo o termo conforme Gontijo (2009, p.27, nota 23): “O termo ‘subcultura’ será usado para designar essas manifestações culturais urbanas inseridas numa ‘cultura nacional’ ou numa ‘identidade nacional’

maior mobilização social e política de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais/transgêneros/travestis – a “comunidade” LGBTI+⁴.

Considerando as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), que permitem estabelecer relações em ambientes virtuais que podem se desdobrar em encontros físicos, a “imagem do idoso GLBT⁵ carente simplesmente desaparece” (SIMÕES, 2004, p. 441).

Simultaneamente, a gerontologia e a sexologia criaram o que Debert e Brigeiro (2012) classificam como “processo de erotização da velhice”. Que, ainda que proposto numa perspectiva heterossexual, também opera nas relações homoeróticas entre homens.

O avanço médico e sexológico que transforma e/ou adia a velhice baseia-se na noção do “cuidado de si”. Esse auto-investimento se mostraria capaz de romper a dimensão cronológica da vida. O cuidado de si seria a chave do “bom envelhecimento”.

Mas o “cuidado de si” tem limites. Debert (1997) analisa que a valorização da juventude, independentemente da sexualidade, como um “estado de espírito” dissociado da idade cronológica – e que, por isso, poderia ser buscado permanentemente – causa efeitos perversos. Envelhecer deixaria, assim, de ser um processo biológico, “natural”, para se tornar um desleixo individual. “O declínio inevitável do corpo, do corpo que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade” (*Ibid*).

Além disso, não se pode ignorar que, antes mesmo do “declínio inevitável do corpo”, apontado por Debert (1997), o “cuidado de si” requer “investimentos” que independem apenas da vontade. Muitas ações exigem recursos financeiros. Logo, a classe social é um fator importante no processo do “bom envelhecimento”.

Quando se articula envelhecimento e gênero, podem ser produzidas variadas nomenclaturas para homens com práticas homossexuais⁶, entre positavações e acusações. Partindo da noção de masculinidade hegemônica em Almeida (1995) e Connell (2005) e sua relação com a performatividade e a heteronormatividade compulsória em Butler

bastante mais ampla e hegemônica (e também politicamente imprecisa e fluida), da qual essa ‘subcultura’ tira seus principais elementos característicos.”

⁴ Tal sigla vem sendo ampliada para incluir outros grupos minorizados em termos de gênero e sexualidade. Um exemplo é LGBTQIAPN+: lésbicas, gays, bissexuais, população T (transexuais/travestis/transgêneros), intersexos, *queer*, intersexos, assexuados, pan-sexuais e não-binários. Neste texto, para simplificação, adotamos LGBTI+.

⁵ A sigla “GLBT” foi uma das primeiras a serem utilizadas pelos movimentos sociais. Posteriormente, colocou-se o “L” à frente das demais letras, como forma de dar mais visibilidade às mulheres – posição que ocupa até hoje, mesmo com a ampliação da sigla.

⁶ Algumas delas, como “maduro”, “coroa” e “tiozão”, também são usadas para homens heterossexuais.

(2013), novos estigmas, além do corpo e da classe social, podem transformar o “maduro” em uma “bicha velha”. Mas, frise-se, não se pode ignorar a capacidade de agência desses sujeitos em resistir a tal estigma e ressignificar positivamente tal desqualificação.

Também é importante ressaltar que “marcadores de cor/raça combinam-se a outros marcadores, incidindo fortemente nos relacionamentos e nas possibilidades de parceria” (SIMÕES, FRANÇA E MACEDO, 2010, p. 53). Trabalhos como os de Perlongher (2008) sobre a prostituição viril no Centro de São Paulo nos anos 1980 e de Braz (2009) sobre clubes de sexo entre homens na mesma cidade nos anos 2000 apontam que a categoria raça/cor da pele é acionada negativamente quando associada à idade do cliente (para os michês estudados por Perlongher) ou para quem busca um parceiro nos clubes de sexo (como constatado por Braz).

Assim, parece que o envelhecimento, seu entendimento e estigmatizações a ele associadas não se dão de maneira idêntica entre homens homossexuais de classes, corpos, raças/cor da pele, lugares de origem e moradia diferentes.

Notas sobre metodologia

Os depoimentos que subsidiaram a pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas em profundidade. O roteiro das conversas foi elaborado a partir de uma “divisão temporal”: começava com perguntas mais objetivas, com dados e informações do presente dos sujeitos; depois, voltava-se ao passado, tanto em relação à descoberta e à efetivação de seus desejos homoeróticos como nos possíveis efeitos desse processo nas relações com a família e amigos na época; por fim, questionava o sentimento sobre o passar do tempo, as possíveis preocupações com o processo de envelhecimento e tentativas de “retardá-lo”, bem como a percepção dos sujeitos sobre mudanças em suas relações homoafetivas e/ou homoeróticas.

Além do reforço à garantia absoluta de anonimato, com o uso de pseudônimos para identificá-los, o anúncio que precedia as entrevistas reforçou a total autonomia de cada um dos entrevistados no momento da conversa.

Ressalta-se que a pesquisa foi marcada pela decretação da pandemia de Covid-19 justamente em sua fase de ampliação da captação de dados. Tal fato acabou por restringir a frequência em locais de socialização, mas ampliou o campo de estudo, inicialmente previsto para ocorrer apenas na RMRJ, para o ESB, com minha mudança para Prado, cidade do extremo sul baiano, durante um ano.

Assim, com o isolamento social, boa parte das entrevistas foi feita à distância, quase todas pelo *Google Meet*. Com o arrefecimento da Covid e a expansão da cobertura vacinal, outras foram feitas presencialmente. Uma foi feita pelo chat do aplicativo *Grindr*.

OS LUGARES DOS SUJEITOS E OS SUJEITOS DOS LUGARES

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é formada por 22 municípios e também é conhecida como “Grande Rio”. Representa menos de 10% do território do estado, mas abriga mais de 60% de sua população, estimava o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021. Já o Extremo Sul da Bahia (ESB) é composto por 13 municípios, considerando o que a Secretaria de Planejamento (Seplan) do estado chama de “território de identidade”. Ocupa pouco mais de 3% do território baiano. Percentual praticamente idêntico à participação na população no estado, segundo o IBGE.

Mapa 1: Municípios integrantes da RMRJ (esq.) e ESB (dir.)



Fontes: Fundação Ceperj e Seplan/Bahia

Quadro 1: RMRJ e ESB – comparativo socioeconômico e demográfico

Dados socioeconômicos e demográficos		
	RMRJ	ESB
Municípios	22	13
Área (km ²)	4.077,7	18.519,3
População estimada (2021)	10.770.727	458.167
Densidade demográfica	2.641,40	24,74
PIB per capita (R\$-2019)	39.171,20	17.521,84
Participação no território do estado (%)	9,32	3,28
Participação na população do estado (%)	61,68	3,06

Dos 13 homens que aceitaram participar desta pesquisa, oito são do Rio de Janeiro, e cinco, da Bahia. No Quadro 2, mostramos os sujeitos “lado a lado”.

Quadro 2: Os sujeitos da pesquisa – quadro-resumo

	Nome fictício	Idade	Formação	Ocupação	Classe	Raça/cor da pele	Religião	Sexualidade	Masculino?
RMRJ	Bernardo	50	Graduação	Sem trabalho por opção, vivendo de renda	Média alta	Branco	Ateu	Homo	Sim
	Cláudio	57	Mestrado	Sem trabalho por falta de opção, vivendo de renda	Média alta	Branco	"Crença afrodescendente"	Homo	Sim
	John	51	Mestrado	Reformado	Média	Branco	Agnóstico	Homo	Sim
	Tiago	45	Ensino Médio	Desempregado	Baixa	Pardo	Umbanda	Homo	Sim
	Rodrigo	50	Ensino Médio	Freelancer	Média	Negro	"Deus"	Homo	Sim
	Diego	41	Graduação	Trabalho fixo	Média baixa	Pardo	Nenhuma, mas acredita em Deus e nas energias	Homo	Sim
	Gérson	42	Mestrado	Setor público	Média	Pardo	Ex-evangélico	Homo	Sim
	Maurício	59	Ensino Médio	Autônomo	Média	"Mestiço, pardo talvez"	Kardecista e Wicca	Homo	Sim
ESB	Régis	51	Ensino Médio	Setor público	Média	Negro	Matrizes africanas	Homo	Sim
	Alexandre	49	Graduação	Trabalho fixo	"Vida confortável"	Pardo	Evangélico	Bi	Sim
	Armando	46	Mestrado	Setor público	Média	Pardo	Católico	Homo	Sim
	Gustavo	42	Ensino Médio	Trabalho fixo	Média	Pardo	Católico	Homo	Sim
	William	43	Ensino Médio	Trabalho fixo	Baixa	Pardo	Matrizes africanas	Homo	Sim

Em amarelo, os homens casados ou com relacionamento fixo à época da pesquisa

O ENVELHECER

Para alguns dos sujeitos, o passar do tempo foi percebido – ou aguçado – quando o/a/e outro/a/e “contou” isso. Ou melhor: quando alguém “acusou” o envelhecimento.

Gérson notou umas pequenas mudanças físicas com o avanço de sua idade. Entretanto, foi nas relações com outras pessoas que o envelhecimento pareceu evidente.

Fisicamente, o que eu percebi foram umas ruguinhas nos meus olhos quando eu rio. E os mais jovens me chamando de senhor. Quando isso me aconteceu, eu percebi: “Ih. Tá passando. A idade está chegando mesmo, porque, me chamar de “senhor”... E às vezes, é um cara de 20 e poucos anos. Não é criança que tá me chamando de “senhor”, é um cara de 20 e poucos anos! E olha que eu nem tenho cabelo branco, e o cara tá me chamando de “senhor”! (Gérson, 42 anos⁷, RMRJ)

Para Gérson, um sinal físico poderia justificar o fato de ser chamado de “senhor” – e, logo, ser “reconhecido” como um homem “mais velho”: os cabelos brancos.

Contudo, nem sempre a alcunha é tão neutra, como “senhor”, “coroa” ou “maduro”. Se não chega a ser uma palavra ofensiva, como “cacura⁸”, o significado pode ser similar:

⁷ Lembrando que se trata da idade do entrevistado à época da entrevista.

⁸ Categoria nativa comumente utilizada em tom acusatório para homens homossexuais mais velhos.

Assim que eu cheguei no Prado (há 4 anos), eu fui dar uma volta na praia e tinha um 'garotinho' (homem jovem), por sinal lindo. Ele passou. Aí, tava só eu sentado na praia, eu falei: "Nossa senhora...". Aí ele falou: "Qual é, vô?". Ali, né, filho, eu falei: "Meu Deus. Tô velha." Aí eu cheguei em casa, fui olhar para o espelho, realmente eu tava envelhecido. Então, é assim, a velhice chegou para mim como uma grande surpresa. Acho que eu não me preparei para envelhecer. Hoje eu olho para mim e me aceito tranquilamente. (Régis, 51 anos, ESB)

“Vô” parece ter sido a chave para Régis perceber o envelhecimento. Mas, em outra ocasião, o termo “coroa” mexeu e reforçou a noção de passagem do tempo para ele.

Ser chamado de “coroa” – e nomes correlatos, relacionados à visão do outro sobre sua idade aparente – também incomoda Tiago, por criar o que ele diz ser uma separação entre o “velho”, descartável, e o “novo”, funcional e aproveitável. Entretanto, não esconde a contrariedade quando “alguém mais acabado” o classifica com tais expressões. O que também é um julgamento por aparência.

Ao analisar homossexualidade masculina e curso da vida, Simões (2004) menciona determinados locais na cidade de São Paulo onde não se teria dificuldade de “identificar vários homens que classificaria como de meia-idade ou idosos” (SIMÕES, 2004, p. 420). E esses homens, continua ele, muitas vezes se autodenominavam “coroas”.

O “coroa” é um personagem de idade indefinida, mas portador dos sinais visíveis da “máscara do envelhecimento”: o cabelo grisalho, as rugas, a cintura grossa, os movimentos um tanto mais lentos. O “coroa”, tipicamente, parece ser o homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar alguns espaços do chamado “circuito gay”, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera. (SIMÕES, 2004, p. 420)

A “máscara do envelhecimento” mencionada por Simões parece ser o ponto em comum entre o “coroa” positivado, “dono de si” e portador de certo orgulho por sua aparência e seu modo de viver, e o “coroa” “acusado” como tal apenas pelas marcas físicas que carrega. Essa “máscara”, porém, também é acionada no uso de “maduro”, “tio”, “daddy”...

Como Régis disse:

Essa história do “coroa”... eu não sei. De repente, pra um menino de 10 anos, o de 25 é coroa. É a visão de cada um, né? A sua juventude julga a velhice do outro. (Régis, 51, ESB)

A autopercepção da passagem do tempo, contudo, não se dá apenas por meio de nomações dadas por outros/as/es. Pode ocorrer nas relações com o espelho – como Alexandre (ESB), que conta que “às vezes, eu olho no espelho e falo ‘tô velho’ –; com o próprio corpo; no mercado de trabalho; com familiares, etc..

Tal percepção se deu, de modo geral:

- a) Com a idade cronológica – inclusive de forma bem precoce, por causa de uma “necessidade de amadurecimento”
- b) Com mudanças no corpo e na aparência física
- c) Nas relações familiares, incluindo o cuidado – e a perda – de parentes
- d) Nas relações com amigos/as/es
- e) Por problemas de saúde, alguns relacionados ao avanço da idade
- f) Pelas relações com grupos etários mais “jovens”
- g) Por estar desempregado ou fora do mercado de trabalho

Uma fala de John diferencia “ter idade” e “ficar velho”:

Não acho que eu estou ficando velho. Eu não tive essa percepção. É... mas sim, que eu tenho mais idade. Que a idade começou a pesar. Porque, quando você fala em velho, vem a imagem de uma pessoa que é incapaz de fazer várias coisas. Fisicamente, às vezes até mentalmente, sexualmente. E essa imagem eu não tenho para mim. Eu posso ser menos jovem (risos). Mas velho não! Sou menos jovem. Até porque, a imagem de velho que eu tenho é de um velho que é incapaz, porque não ouve direito, porque não enxerga direito, porque não consegue andar direito e precisa de uma muleta. (John, 51, RMRJ)

Sem medo de envelhecer. Mas...

– *Você tem medo de envelhecer?*
– *Não! (fala de forma categórica)*
– *Por que não?*
– *A coisa mais natural do mundo é envelhecer, gente. A gente envelhece todo dia. O envelhecimento é uma honra. (Tiago, 45, RMRJ)*

Tiago foi o mais incisivo em negar o medo de envelhecer. E também o que mais desenvolveu sua resposta à pergunta, feita de forma objetiva para todos. Ao ponto de valorizar seus cabelos brancos, uma das “máscaras do envelhecimento”, conforme Simões (2004). Ele, porém, não foi o único. A maior parte dos sujeitos – nove – disse não temer o envelhecimento.

Três declararam ter medo. No entanto, apenas um – Cláudio – desdobrou um pouco mais sua resposta:

Tenho. Se eu dissesse que não, seria mentira. Mas eu convivo bem com isso, porque eu sei que alternativa [a morte] é pior, entende? (Cláudio, 57, RMRJ)

Entretanto, mesmo quem negou tem medos. Mas a assunção desse temor teve de ser “provocada”: a pergunta se desdobrou em medos de possíveis efeitos do curso da vida, sejam eles físicos/fisiológicos/mentais, sejam emocionais.

Um desses temores é a solidão, que preocupa mais os homens sem filhos e sem relacionamento estável. Outro é o medo de terem suas capacidades física e/ou mental afetadas.

Pode-se inferir que o receio da solidão ou da degeneração física e mental tem relação direta com o cuidado. Para os homens, como disse Simões (2004), preocupa depender de alguém por problemas de saúde. Aparentemente é algo ligado à construção de masculinidades, que colocam homens em um lugar de força, algo “perdido” com o “ser cuidado”.

Mas há de se considerar também o “cuidar”. E “cuidar” de pessoas vulneráveis – seja um bebê ou alguém com limitações – não costuma ser associado ao masculino, frisa Attias-Donfut (2004).

Há uma certa excepcionalidade a essa “regra” para homens gays, que, mesmo em famílias com mulheres, por vezes assumem esse papel – Bernardo, que cuidou da mãe adoecida até sua morte, é um exemplo. Talvez pela associação de homens homossexuais ao “feminino” e, portanto, a uma certa “natureza” de cuidar.

Em sua pesquisa com homens de meia idade com práticas homoeróticas na cidade de São Paulo, Henning (2014) aborda esta “particularidade”:

No decorrer do período em campo a experiência do *cuidado* – tanto em sua faceta “ser objeto de cuidados” quanto na de “ser cuidador de alguém” – foi um elemento que boa parte dos contatos mencionou como algo com o qual possuíam um nível variável, embora significativo de familiaridade. E isso, diga-se de passagem, possuía maior expressão entre aqueles que se consideravam homossexuais, experiência que se contrapunha à descrita pelos interlocutores que eram ou haviam sido casados com mulheres (e/ou que não se concebiam como homossexuais), os quais raramente citavam experiências pessoais significativas, por exemplo, em relação a serem responsáveis pelo cuidado direto de alguém. (HENNING, 2014, pp. 363-364)

Voltando aos medos, não ter recursos financeiros para um “bom envelhecimento” é uma questão para Régis e também para Rodrigo. Mas o temor de envelhecer e não ter dinheiro para se bancar ou se cuidar também aflige outros homens, como Diego e Cláudio.

Apenas um dos sujeitos – Maurício – confessou abertamente ter a morte como seu maior medo com a passagem do tempo. Coincidentemente ou não, ele foi o homem mais velho com quem conversei.

Quanto a ações para tentar “retardar” os efeitos da passagem do tempo, tanto externa quanto internamente, as respostas são variadas. Desde cuidados extremos com a aparência até não fazer nada. Embora o “fazer algo” pela saúde esteja no radar dos mais despreocupados.

TESÃO, COISA DE E PARA HOMEM

Conforme Pollak (1985), um “tipo ideal” do “machão” redefiniu a identidade homossexual, em contraponto ao “efeminado”. O “superviril” tem “cabelos curtos, bigode ou barba, corpo musculoso” (POLLAK, 1985, p. 68).

Entretanto, diz Baubérot (2013), “não se nasce viril, torna-se viril”. Ele aponta a família como o local pioneiro e que “ocupa um lugar central no aprendizado das qualidades e dos papéis destinados a cada sexo” (BAUBÉROT, 2013, p. 191). Mas, “se esse meio contribui [...] à formação da identidade sexuada do menino, o reconhecimento de sua virilidade demandará [...] que ele saia ‘da barra da saia da sua mãe’” (*Ibid.*, p. 192).

A ruptura com o lar como parte da construção do “homem” também é tratada por Welzer-Lang (2001). É quando “as crianças do sexo masculino deixam, de certo modo, o mundo das mulheres, quando começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462). É o que o autor chama de “casa-dos-homens”, que não é um lugar físico, mas um espaço simbólico e relacional no qual a homosociabilidade é condição para o aprendizado da masculinidade. Uma espécie de “escola”, na qual os iniciados, mais “jovens”, se tornam iniciadores quando se tornam mais “velhos”.

Parece evidente também que essa “escola da masculinidade” – seja o bando, seja a casa-dos-homens – tem a violência como uma de suas principais disciplinas. Ela pode ser psicológica ou física. E também sexual, explica Welzer-Lang (2001).

Toda essa análise não pretende justificar como os sujeitos desta pesquisa se posicionam sobre “ser masculino” ou “querer alguém masculino”. Entretanto, é preciso pluralizar as duas noções: assim como há sexualidades, há também masculinidades, que se estabelecem e se fluidificam nas relações, nas situações e nos contextos.

Uma das perguntas feita aos sujeitos desta pesquisa era sua autopercepção quanto a ser “afeminado” ou ser “masculino”. Seu objetivo era tentar entender o que esses interlocutores entendiam sobre tais noções, e como construíam tal entendimento.

Gustavo e Maurício apenas disseram ser “masculinos”, sem explicar ou justificar sua resposta. Dessa forma, sinalizam uma possível “regra”: todos são masculinos, até que o outro diga que você não é. Claro que há exceções, mas parece claro que a feminilidade é uma categoria acusatória, não uma característica reconhecida pelo próprio sujeito.

Quanto a práticas sexuais, a masculinidade não está relacionada com ser ou não penetrado, de ser ativo, masculino, e passivo, feminino. É a representação de gênero – no cotidiano ou no ato sexual – que mostra quem é “másculo” e quem não é.

É o “másculo” que importa no desejo de Maurício, que se assume passivo, por causa de uma contingência médica – a síndrome de Peyronie, que causa a curvatura do pênis em ereção e que pode provocar desconforto ou mesmo impossibilitar a penetração. E ser “comido” não transforma o homem numa mulher.

Esses sujeitos pertencem a uma geração⁹ para a qual “ser homem”, ser “masculino”, era não apenas um aprendizado “natural”, comum a quem, ao nascer, tinha um pênis e era, portanto, chamado de homem. Com o tempo e o desejo por “iguais” batendo à porta, reproduzir esses padrões era também evitar problemas com a família ou em outros espaços de sociabilização da vida cotidiana. Era garantir respeitabilidade e dirimir suspeitas sobre seu desejo.

O QUE PASSOU, FICOU: DESEJOS, FAMÍLIA E RELIGIÃO

Os desejos dos sujeitos desta pesquisa, quando sentidos ou percebidos, iam contra a norma heterossexual que permeava suas relações familiares, inicialmente, e se estendia para outros campos da vida social. São narrativas e vivências variadas, mas similares.

“Eu sempre soube que era diferente”: desejos – e medos – de menino

Desde criança! Quando eu era pequeno, eu fui garoto de rua. Vendia bala, revista, pra poder sobreviver desde os 9 anos de idade. Às vezes, eu passava nas bancas de jornal e via aquelas revistas importadas, de halterofilismo, e eu ficava admirando o camarada musculoso, aquela coisa assim... mas eu não sabia explicar o que era. Aos poucos, eu fui aprendendo isso sozinho, que eu gostava de outro homem. Não tinha como, eu tinha medo de falar. Achava aquilo uma coisa absurda, que tava errado. E aí, eu comecei por mim mesmo a descobrir. Entendimento mesmo do que era ser homossexual eu vim saber sobre isso tudo mesmo aos 17 anos de idade. (Maurício, 59, RMRJ)

⁹ É preciso reiterar que, aqui, a “geração” que identifica o “masculino” traduz-se na “reunião de condições subjetivas que permitam a participação do indivíduo na produção dos mesmos códigos de entendimento”, e não a proximidade etária, conforme explica Alves (2009). Essa “memória coletiva” comum do “ser homem”, que une esses sujeitos numa mesma situação/posição geracional, pôde ser percebida nos seus relatos.

Eu sempre senti que gostava dos meninos. Quando eu estava na escola eu sentia que, eu achava o cara assim, primeiro ano, eu tinha cinco anos, seis anos, e eu achava lindo os coleguinhas... e quando eu estava no oitavo ano eu achava lindo o professor. Eu sabia que tinha uma coisa assim estranha, mas eu não entendia. Não entendia, porque, quando ia para a igreja, escutava falando de Deus, de que os homossexuais não entravam no reino dos céus. E o pastor falava, era uma voz horrorosa, eu sentia no coração uma angústia horrível. Mas eu sempre fui. (Diego, 41, RMRJ)

A escolha dos depoimentos de Maurício e Diego não foi aleatória. Trata-se dos dois “extremos etários” da pesquisa: o primeiro, com 59 anos quando conversamos, em fevereiro de 2020; o segundo, com 41 à época de nossa conversa, em outubro de 2021.

Praticamente 20 anos separam esses homens. Entretanto, essa diferença cronológica é anulada quando ambos relatam o momento em que sentiram desejo por pessoas do mesmo sexo. Ainda que Maurício tenha tido a rua como o local dessa sensação e Diego, a escola, os dois relatam que “desde criança” sentiam essa vontade.

Frise-se que a “sensação” desse desejo não se traduz, de imediato, em uma “percepção”, ou “explicação” dele. Ambos falam da dificuldade de entender o que estava acontecendo. Crianças, apenas sentiam algo “diferente” por iguais.

Para ambos, porém, a boa “sensação” era anulada pela percepção de que se tratava de algo errado, condenável. A família, para Maurício, e o pastor da igreja, para Diego, deixavam isso evidente. Ainda que não soubessem o que se falava – e nem o que sentiam.

Tanto o momento da vida em que surgiram os desejos como o sentimento de culpa, de estar “fazendo algo errado” – por conta da família, da religião, ou de outras instituições, como a escola –, também fazem parte da história de outros homens.

Régis (ESB) busca passar uma relativa tranquilidade nessa descoberta e demonstrar que não se incomodou com a “acusação” de ser “viado”, “bichinha”. Mas acaba reconhecendo que sofreu, sobretudo na escola.

Dois outros sujeitos do ESB, William e Gustavo, também transmitem um sentimento de “foi tudo bem descobrir” o desejo por homens. Mas, assim como Régis, mostram, nos pormenores, alguma ambiguidade que mostra que nem tudo foi simples.

Três deles contam que somente notaram seu desejo por homens na adolescência ou início da fase adulta. Mas parece evidente que tratam da percepção – algo um pouco mais elaborado que a “sensação” que ocorreu com os demais quando ainda infantes.

Alexandre conta que “sempre” teve interesse sexual por homens, mas não precisou quando tal desejo por iguais se iniciou – embora mencione seu principal “sujeito de desejo”. A primeira “transa”, lembrou ele, ocorreu na adolescência:

Sexo com 14 anos com um tio, nada forçado. Fui um adolescente que era fissurado no pai, por isso sexo com meu tio. Durou uns três anos isso. Casei, tive filhos, já tenho netos. E ninguém sabe disso, só as pessoas com quem fiquei sabem, não tenho amigos pra contar, fico com homem quando dá. (Alexandre, 49, ESB)

A conversa com Alexandre foi, para ele, uma oportunidade de “confessar” desejos “proibidos”: não apenas ter interesse sexual em iguais, mas em desejar sexualmente o próprio pai – o que o motivou a fazer sexo com o tio paterno.

Não é nosso objetivo discutir o tabu do incesto, em Lévi-Strauss, ou desdobrar esses desejos em bases psicológicas. O importante da fala de Alexandre – e mesmo nas narrativas de Tiago e Gérson sobre não terem “cabresto” em casa – é mostrar que a família pode ocupar variadas posições na descoberta e no exercício da sexualidade.

Famílias em trânsito: agenciamentos diante da repressão

Bourdieu (2012) diz que “à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas” (BOURDIEU, 2012, p. 103). A família é ainda o lugar da repressão ao “desejo desviante” da heteronorma e de uma tentativa de “corrigi-lo”.

Cláudio narra as dores dessa tentativa de heteronormativização cometida por sua mãe, que o fizeram tomar uma atitude extrema: tentar o suicídio. Rodrigo, já adulto, com 35 anos, foi expulso da casa dos pais – o que fez morar na rua durante dois anos.

São atos extremos – e efetivos – dos mecanismos de repressão da homossexualidade acionados pela família. Há, porém, outras nuances de ação familiar, no sentido de reprimir – ou ao menos disfarçar – desejos e características que “denunciariam” a sexualidade “desviante” de seus filhos. Uma delas é o uso dos dogmas religiosos, quando a família é ligada a alguma igreja.

O medo da reação familiar permeou a descoberta de praticamente todos esses homens. Esse temor fez com que alguns criassem estratégias para passar incólumes a qualquer tentativa de “correção” ou repressão da família.

Um desses agenciamentos envolveu relacionamentos com mulheres. Foi o que ocorreu com Gérson (RMRJ), mas também com outros homens, como Armando (ESB). Ainda que tal solução fosse incômoda para alguns, como para Diego (RMRJ).

O namoro com mulheres, pontua Diego, nem sempre se dá como um disfarce. Pode ser uma dúvida sobre desejos. E sobre afetividade, explica Bernardo:

Tem aquela fase que você fica as duas coisas, porque você primeiro tá na dúvida ainda, né? Você se culpa. Então... Em Petrópolis, eu só ia conhecer meninas. Só ia ficar com meninas. Até os meus 21 anos, assim, eu diria que eu ainda tinha alguma dúvida se eu era bi, que na época não se falava. Ou se era só uma fase. Mas, depois dos 20, 21 anos, aí eu já tinha certeza que não era uma fase. Ainda ficava com meninas, às vezes, mas eu já não me relacionava com meninas. Quando eu era adolescente, eu não me via me relacionando com homens. Eu só vi homens aquela coisa do desejo carnal. Do sexo. (Bernardo, 50, RMRJ)

A bissexualidade, para Diego e Bernardo, surgiu como uma “certeza duvidosa”, dirimida com a passagem do tempo. Já para Alexandre, parece ser a representação de que conseguiu separar desejo (por homens e mulheres) e afetividade (somente por mulheres) – separação que é parte da construção do masculino.

Outro agenciamento é o distanciamento. Mudar de cidade, para longe da família e de grupos sociais “do passado”, foi uma estratégia de Gustavo. Para ele, houve um duplo benefício: não apenas se afastar de qualquer vigilância de sua sexualidade, como conseguir, enfim, realizar seus desejos homoeróticos com mais liberdade.

A conquista de uma ocupação ou profissão – e com ela, a autonomia e a independência financeiras – foi estratégica para alguns sujeitos lidarem com a repressão da família e de outros grupos sociais, e mesmo revertê-la. Mas há modulações.

Cláudio diz que seu status perante a família e a sociedade mudou quando conseguiu bons empregos e salários e se tornou uma pessoa “respeitável”. Entretanto, acredita que não foi uma conquista, mas uma “compra”. Por isso, quando decretou o fim desse “acordo comercial”, as relações cordatas com a família se esgarçaram.

Maurício foi outro que teve relações conflituosas com a mãe. Assim como Cláudio, “batalhou” e ajudou financeiramente sua família. No entanto, em vez de um “bom emprego”, conquistou autonomia econômica se prostituindo dos 17 aos quase 40 anos. O que não afetou suas relações familiares, porque ele “se impôs”. E ao contrário de Cláudio, diz que não ajudou sua família para ser aceito ou mesmo para pagar uma “dívida” por ser gay, mas para que seus sobrinhos tivessem mais oportunidades que ele.

Há situações em que a independência financeira não provoca relações – e reações – tão traumáticas ou contundentes. Essa autonomia permite “ser quem se é”, como homem que deseja outros homens, mas também pode auxiliar na desestigmatização desse “desvio”, trazendo experiências positivas em família, como relata Armando.

A família pode ser um lugar de repressão e contenção dos desejos homossexuais, bem como de aceitação e proteção. Também pode ser o espaço das primeiras experimentações homoeróticas, como narrou Alexandre (ESB). Contudo, nem sempre

elas são consentidas. Elas podem ser resultado de violência e abuso – ainda que não entendidas como tal quando ocorreram, como lembram Rodrigo e Cláudio, da RMRJ, e Armando, do ESB, que hoje avaliam tais situações como negativas e até mesmo pedófilas.

“Afasta de mim esse cálice”, mas “Deus me fez assim”: modulações religiosas

Muitas vezes a família aciona dogmas religiosos na sua tarefa repressora. Cláudio narrou que sua mãe o levou a casas de religião de matriz afro-brasileira para “desfazer o trabalho” que o “transformava” em homossexual. Mas o que se percebe é que a maior influência repressiva veio de religiões ditas “cristãs” – catolicismo e protestantismo.

Armando reconhece que ter sido criado na Igreja Católica pesou, no momento em que começou a perceber seu desejo por homens. Rodrigo conta que era um “católico fervoroso, que assistia a missa todo santo dia, confessava, comungava”, ele explica. O envolvimento com a religião e a descoberta de sua homossexualidade fizeram com que buscasse o seminário, com o apoio de sua família. Contudo, foi justamente esse espaço, em tese, de repressão à homossexualidade, que o fez assumir seu desejo por homens.

Quando criança, Diego frequentava a Igreja Batista, protestante, com sua mãe. E lembra o que escutava sobre homossexualidade – mesmo sem saber o que era:

Quando ia para a igreja, escutava falando de Deus, de que os homossexuais não entravam no reino dos céus. E o pastor falava, era uma voz horrorosa, eu sentia no coração uma angústia horrível. (Diego, 41, RMRJ)

Quando entendeu que gostava de homens, usava a religião para “se livrar do mal”.

Nem sempre a busca pela “salvação” via religião se dá por imposição da família. É o caso de John. Ele mesmo tomou a iniciativa de frequentar uma igreja evangélica para tentar se livrar do seu desejo. Mas, diante do “fracasso” das “cruzadas” e dos “exorcismos” do “espírito maligno” homossexual que tomavam conta de si, desistiu da religião. Mas aciona “Deus” para se entender como um homem que deseja outros homens:

Comecei a reformular e a questionar aquela situação. “Se Deus me fez assim, por que isso é errado?” Me afastei da igreja e não voltei nunca mais. (John, 51, RMRJ)

Gérson também não tinha uma família religiosa. Mas buscou a religião para obter uma “base moral” que não sentia ter em casa. Entrou na igreja evangélica com 14 anos, e saiu aos 30.

Nesses 16 anos, viveu dois momentos distintos. No primeiro, até os 21 anos, buscava ser um “jovem de valor”. Ainda não entendia seu desejo por outros homens. Namorou mulheres, mas, após tentativas fracassadas, a percepção de sua homossexualidade aconteceu, aos 21.

Gérson entra, assim, numa “segunda fase”: “pedir a Deus” para tirar dele os desejos por homens. Até quando tal sublimação se tornou insuportável, e ele decidiu abandonar a igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa perspectiva reflexiva, busquei contar brevemente um pouco da minha própria história a esses sujeitos. Assumi minha homossexualidade, contei que era casado, que tinha filhas e netos. Procurava mostrar que “estávamos no mesmo barco”: também sou um homem de meia idade. Essa “interação confessional” foi espontânea e ajudou a “eliminar” essa “linha” que muitas vezes separa quem pesquisa de quem é pesquisado.

Nesse sentido, a geração, sob uma perspectiva de “grupo etário”, une esses sujeitos (incluindo o pesquisador), estejam onde estiverem. Mas, levando-se em conta as análises de Alves (2009) e Motta (2004), a partir do conceito de geração em Mannheim, essa suposta “união” não se mostra tão evidente e ganha novas nuances. É preciso uma identificação de símbolos e códigos comuns, reconhecidos a posteriori, como frisa Alves (2009), a partir de processos e relações, para nos colocar num mesmo “grupo geracional”.

Além da geração, há outros marcadores sociais que atuam nessas relações e nessas situações, aproximando-os e afastando-os. Daí a importância das articulações entre as categorias sociais de diferenciação e as agências desses homens nos variados aspectos de seu cotidiano. O que evita uma homogeneização que, além de falsa, simplifica a complexidade envolvida em seus cursos da vida e no exercício de suas sexualidades.

Foi interessante ver que alguns desses sujeitos, como eles próprios confessaram, não tinham parado para pensar sobre envelhecimento até serem “provocados” pelo convite que fiz em redes sociais, ou quando me ouviram falando deste estudo. Embora pareça não haver relação, essas situações confirmam a “regra”, apontada em vários momentos: é “o outro” quem costuma nos dizer que o tempo passou para nós.

As visões sobre o que é o envelhecimento parecem distintas. Mas aproximam-se em relação a temores e se encontram num olhar – também variável – ao cuidado de si para “empurrar” os prováveis efeitos naturais da passagem do tempo. O tempo pode

passar, mas há uma diferença entre “envelhecer” e “ter idade”. Nesse sentido, a aparência se torna um tema que também merece atenção. Mas não no mesmo grau para todos.

No terreno dos desejos não constam homens “afetados” ou “afeminados”. Assim como se consideram masculinos, desejam “iguais” masculinos. E a “interdição” se dá numa perspectiva de gênero, não de sexualidade. Suas idades cronológicas explicam essa visão de alguma forma. Afinal, são representantes de gerações nas quais a construção de uma masculinidade “hegemônica”, “viril” era regra. Se, de alguma forma, parecem ter “falhado” em não ser os homens heterossexuais esperados nessa “fabricação”, procuram manter uma representação do masculino no dia a dia e nas relações.

Ao falar do “aprendizado do homem” e, sobretudo, da repressão de seus desejos homoeróticos, esses sujeitos expõem a centralidade da família. Outro fator repressivo foi a religião, que, para alguns, afetou tanto o exercício do homoerotismo como a assunção para si de seus desejos. Mas, nada como a passagem do tempo... libertando-se de dogmas religiosos, permitiram-se ser o que são, e viver os desejos que queriam viver.

Vamos às diferenciações. São homens que vivem realidades distintas em regiões do país díspares, como os dados mostram. Mas o que de fato diferencia os sujeitos da “capital”, da “metrópole” carioca, e os do “interior”, das pequenas cidades baianas?

Como Gontijo e Erick (2015), Lopes (2016) e Passamani (2018) pontuaram, é necessário “descolonizar” as noções comumente associadas ao que é típico da “capital” e do “interior”. Mas os sujeitos apontaram diferenças. Uma delas é a oferta de locais de sociabilidade destinados à comunidade LGBTI+. No extremo sul baiano, essa ausência parece diminuir a possibilidade de encontrar parceiros – ainda que haja agenciamentos que tentam romper esse lapso, como as salas de bate-papo virtual e as praias, o locus típico da exibição corporal e, com isso, de possíveis aproximações de desejos.

Também no ESB percebeu-se uma preocupação maior com a vigilância social – talvez por um pensamento ligado às convenções que caracterizavam as diferenças entre capital e interior. Ainda que algumas delas sejam turísticas e atraíam visitantes de outras regiões, com outros costumes, ações e reações, há medo da crítica e da violência.

Alguns sujeitos do ESB que moraram em grandes cidades ou capitais, ainda que por períodos curtos de tempo, narraram com satisfação essa experiência. Em geral, deram a entender que, nesses locais, viam – e viviam – mais “liberdade” do que no extremo sul baiano. Armando, que estudou em Belo Horizonte, contou que achava muito difícil ver em sua cidade dois homens de mãos dadas, como viu diversas vezes na capital mineira.

Um ponto levantado por William como preocupação com o envelhecimento marca outra importante diferença, talvez a mais relevante delas: o acesso a serviços de saúde, não apenas a oferta pelo serviço público, mas também para quem tem plano de saúde particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Portugal: Fim de Século Edições, 1995.

ALVES, Andréa Moraes. Fronteiras da relação. Gênero, geração e a construção das relações afetivas e sexuais. In: **Sexualidad, salud y sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 3. Rio de Janeiro, dezembro de 2009, pp. 10-32.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 85-108.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 189-220.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira e FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade, pp. 207-236.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, pp. 151-172.

CENTRO ESTADUAL DE ESTATÍSTICAS, PESQUISAS E FORMAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS DO RIO DE JANEIRO – CEPERJ. *Produto Interno Bruto dos Municípios – Dezembro 2020*. Disponível em <[http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_ceperj_imagens/Admin/Uploads/PIB-MUICIPIOS-DEZ-2020_\(1\).pdf](http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_ceperj_imagens/Admin/Uploads/PIB-MUICIPIOS-DEZ-2020_(1).pdf)>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.

CONNELL, R. W.. **Masculinities**. 2 ed. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2005.

CRENITTE, Milton R. Furst; MIGUEL, Diego Felix; JACOB FILHO, Wilson. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. In: **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 13, n. 1. Rio de Janeiro, 2019, pp. 50-56.

DATA.RIO. **Produto Interno Bruto (PIB) per capita segundo as Grandes Regiões, Unidades da Federação do Sudeste do Brasil e suas capitais entre 2010-2019.** Disponível em <<https://www.data.rio/documents/4af58b15912c43139976a925ce629363/about>>. Acesso em 12 de dezembro de 2022.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. In: **Estudos feministas**, n.1/97. Florianópolis, 1º semestre de 1997, pp. 120-128.

DEBERT, Guita e BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80. São Paulo, outubro de 2012, pp. 37-54

GONTIJO, Fabiano. *Corps, apparences et pratiques sexuelles: socio-anthropologie des homosexualités sur une plage de Rio de Janeiro*. Lille, França: ASBL Gai-Kitsch-Camp, Collection Université 8, cahier n. 41, 1998.

GONTIJO, Fabiano e ERICK, Igor. Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silenciamentos e... exortações. In: **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 2, n. 4. Cuiabá (MT), agosto a dezembro de 2015, pp. 24-40.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas: 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Portal Cidades@*. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 2020, 2021 e 2022.

LOPES, Moisés Alessandro de Souza. Algumas observações sobre as homossexualidades em “contextos interioranos”: lançando questões “fora dos centros”. In: **Amazônica Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1. Belém (PA), 2016, pp. 24-37.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice... homossexualidade e o curso da vida**. 1 ed.. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, idades e gerações: introdução. In: **Caderno CRH**, v. 17, n. 42. Salvador (BA), setembro/dezembro de 2004, pp. 349-355.

PASSAMANI, Guilherme R.. **Batalha de confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS**. Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2018. Coleção Stoner.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Anablume, 2000.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (org.). **Sexualidade ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: TRENCH, Belkis e ROSA, Tereza Etsuko da Costa. **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011, pp. 119-138.

_____. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp.415-447.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: **Cadernos Pagu, n. 35, julho-dezembro**. Campinas, 2010, pp. 37-78.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI. **Produto Interno Bruto Total e Per Capita – Índices e Taxas de Crescimento, Bahia, 2002-2021**. Disponível em <
https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2096&Itemid=1139>. Acesso em 13 de dezembro de 2022.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, John e RICHARDSON, Diane (org.). **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**, v. 9 n. 2 (2001), pp. 460-482.